

Tradução e ensino de línguas estrangeiras

Emy Soares Lucindo
Universidade Federal de Santa Catarina
emy.soares@gmail.com

Resumo: A tradução passou por várias mudanças dentro do ensino de língua estrangeira (LE). Primeiro foi o pilar do método gramática-tradução, depois foi banida pelo chamado método direto e hoje volta, ainda que lentamente, a ocupar o lugar de auxiliar do professor de línguas. Pretende-se com este trabalho expor como a tradução pode ser usada de maneira positiva no ensino de LE. Para isso, faremos uma breve contextualização da tradução dentro de três metodologias de ensino de LE: Método Gramática-Tradução, Método Direto e Abordagem Comunicativa. Em seguida, exporemos como, em geral, a tradução ocorre dentro da sala de LE.

Palavras-chave: ensino de LE; tradução

Abstract: This paper aims at relating how translation can be positively used in foreign language classes. To do so, translation related to three learning methodologies will be briefly contextualized: Grammar-Translation Method, Direct Method and Communicative Approach. Next, we present how translation is generally used in foreign language classes.

Key-words: teaching of foreign language, translation

0. Introdução

“Pode-se aprender uma língua estrangeira porque já se teve acesso à linguagem através de uma outra língua¹”. Tal afirmação pode parecer evidente, porém por muito tempo a língua materna (LM) e conseqüentemente a tradução foram proscritas das salas de aula de língua estrangeira (LE). Somente nos últimos anos elas voltam, ainda que lentamente, a ocupar o espaço perdido. A proibição inicial aconteceu, principalmente, pela relação que era feita da tradução com o Método Gramática-Tradução e também pela proibição do Método Direto.

Atualmente, um dos responsáveis pelo uso inadequado, ou até mesmo mínimo, da tradução em salas de LE no Brasil é a falta de material que trate, adequadamente, do tema. Por tal motivo, não é raro vermos professores de LE que acreditam que a tradução pode ajudar no ensino de línguas, mas que não sabem como fazer o uso adequado desta ferramenta.

Pretendemos neste trabalho expor como a tradução pode ser usada no ensino de LE de maneira positiva, para que assim a função desta atividade tão antiga possa ser reconsiderada e vista como uma ferramenta de ajuda para o professor de LE. Para isso, faremos uma breve contextualização da tradução dentro de três metodologias de ensino de LE: Método Gramática-Tradução (GT), Método Direto e Abordagem Comunicativa (AC). Em seguida, exporemos como, em geral, a tradução ocorre dentro da sala de LE.

1. A tradução e as metodologias de ensino de línguas

Atrevo-me a dizer que a tradução foi a atividade que mais papel desempenhou dentro do ensino de LE. Em um primeiro momento, com o Método GT, foi o pilar, o personagem principal das aulas. Este método, de acordo com Leffa (1988), foi a metodologia com mais tempo de uso na história do ensino de línguas. Esta metodologia, usada a princípio para o ensino do latim (um idioma morto), tinha seu foco na linguagem escrita. Para ensinar a LE, os professores davam as explicações na LM do aluno. Existiam três passos para a aprendizagem:

- (a) memorização prévia de uma lista de palavras, (b) conhecimento das regras necessárias para juntar estas palavras em frases e (c) exercícios de tradução e versão. (LEFFA, 1988, p. 213).

Em resumo, este método tinha como objetivo capacitar os alunos para ler textos, principalmente literários e religiosos.

Foi no século XIX, quando o latim perdeu espaço para outras línguas estrangeiras modernas que exigiam do aprendiz o uso para comunicação, que o Método GT perdeu seu espaço para os chamados Métodos Naturais e Método Direto (GHAMINE LÓPEZ, 2002). A principal característica desses métodos era “a condenação absoluta da tradução e da língua materna do aluno na sala, em nome do acesso direto ao significado” (GAMBOA, 2004, p.14, tradução minha). A ênfase, ao contrário do GT, estava na língua oral. Esta deveria preceder a língua escrita. Foi no método direto que a integração das quatro habilidades foi “usada pela primeira vez” (LEFFA, 1988, p. 215). Em suma, é neste período que a tradução assume o papel de vilã-secundária, ou melhor dizendo, o papel de vilã que existe na história, mas que nunca aparece em cena.

Após estas e outras metodologias, que continuavam banindo o uso da tradução, surge a AC. Esta, muito usada atualmente, enfatiza a semântica da língua (LEFFA, 1988, 225). Por isso, “o contexto, o relacionamento entre os participantes e até as características intelectuais e afetivas do falante que vão determinar a escolha do expoente lingüístico” (LEFFA, 1988, p. 226). Uma das grandes preocupações da AC é o uso apropriado da linguagem de acordo com a situação de fala. Para Leffa (1988), a AC defende a aprendizagem centrada no aluno. Talvez, por isso, nesta metodologia a tradução e a LM puderam, ainda que aos poucos, voltar à cena, reivindicando um papel entre o principal e o secundário.

Estamos de acordo com Ghamine López (2002), mesmo com as proibições a tradução não desapareceu do ensino de idiomas estrangeiros nem se adaptou às novas exigências dos métodos sucessivos, mas sim sobreviveu de modo precário, sendo utilizada nas salas de aula de maneira inerte e pouco reflexiva. Esta afirmação explica o que acontece hoje nas aulas de LE: os professores, quando se propõem usar a tradução, não sabem como e nem quando, separando, algumas vezes, a tradução da aula de língua.

2. Para que usar a tradução?

Acreditamos, assim como Hurtado Albir (1998), que a tradução é mais que um processo de transferência de palavras. Nossa concepção de tradução é como um “processo de reexpressão do sentido que as palavras e frases adquirem no contexto” (Idem, p. 42, tradução minha). Assim, para que uma tradução seja “boa”, deve-se levar em conta sempre o

sentido produzido a partir da confluência dos elementos lingüísticos e extralingüísticos (conhecimento da situação, do tema, dos códigos sócio-culturais, etc.) que intervêm na comunicação (idem, p. 43, tradução minha).

Por ser, portanto, uma atividade comunicativa, a tradução permite os mais variados usos. Como propõe Pegenaute (1996), a tradução é um leque de possibilidades didáticas que ensina a traduzir, ajuda no aperfeiçoamento do idioma estrangeiro e do materno, auxilia na formação intelectual e ajuda na melhora da leitura, já que exige dos alunos uma leitura atenta.

Percebemos, ademais, que o uso da tradução em sala de aula, assim como defende Ridd (2005), permite que os alunos sejam mais ativos e participantes. Como argumenta Arias & Muruais (1999), a tradução permite que o ensino “centre-se em um

primeiro momento no que se pretende *comunicar* (...) para abordar só em segundo lugar as *diferenças de meios*” (ARIAS & MURUAIS, 1999, p. 302, tradução minha).

2.1. Tradução interiorizada e tradução pedagógica

Para Hurtado Albir (1998a), a tradução em sala de aula tem dois aspectos distintos: primeiro, como tradução interiorizada e, depois, como tradução pedagógica. A primeira é definida pela autora como um tipo de tradução feita por todo aprendiz de LE. Este tipo de tradução se justifica, já que a LM é o ponto de referência dos alunos, e tudo que estes constroem ou destroem em relação à LE é a partir dos conhecimentos que têm da sua LM. Ainda que se queira, não é possível suprimir este tipo de tradução, por isso é importante que o professor ajude ao aluno a traduzir significados e não palavras, ou seja, que o professor ajude-o a ser “formado para interpretar mais que para traduzir enunciados” (CASADO & GUERRERO, 1993, p. 398, tradução minha).

Com relação à posição do professor neste tipo de tradução, Casado & Guerrero (1993) acreditam que o docente pode evitar o uso errôneo desta estratégia de modo que o aluno deixe de estabelecer improdutivas equivalências unívocas entre o significante da L2 e o significado-significante da LM e as substitua por outras de caráter funcional e pragmático, onde o sentido de um termo esteja dado pela situação comunicativa que é produzida.

Ainda que este tipo de tradução sempre exista, ela ocorre de maneira mais ou menos freqüente de acordo com o nível de aprendizagem de cada aluno. Portanto, nos níveis iniciais é comum o uso desta tradução em quase todos os momentos. Zurrita Navarrete (1997) explica que nos níveis iniciais a tradução interiorizada ocorre em quase todos os momentos, pois o “aluno traduz tudo ou quase tudo” (Idem, p. 137, tradução minha). Ainda que por meio de exercícios ou repetição de frases o aluno consiga assimilar sem necessidade de traduzir, sempre que ele quiser expressar-se na LE, fará uso da tradução. No nível médio, o aluno não traduz tudo, mas sempre que precisar falar de uma forma superior ao seu conhecimento da LE, usará a tradução. Neste nível a tradução é utilizada para palavras e expressões desconhecidas. No nível superior/avançado, o aluno já “pensa” na LE, porém recorre à tradução para entender provérbios, modismos e nomes específicos, como de árvores, pássaros, etc.

A tradução pedagógica é utilizada nas aulas como instrumento didático. Para Cervo (2003), esta expressão foi criada por Delisle e definida como sendo a utilização de exercícios escolares visando à aquisição de uma LE. A autora explica que a tradução

pedagógica difere da tradução profissional pelas finalidades, condições e processos de execução. O objetivo do tradutor profissional reside no cumprimento do contrato, pelo qual o tradutor produz um documento destinado a um público determinado. Por outro lado, o objetivo da tradução pedagógica não é comunicar alguém do teor do texto traduzido, mas sim verificar ou reforçar a aprendizagem do aluno (CERVO, 2003).

Hernández (1998) segue a mesma linha de Cervo. Para ela, a tradução pedagógica vai além do campo profissional e pode ser definida como uma atividade didática “cujo objetivo principal é o aperfeiçoamento da língua terminal através da manipulação de textos, análise contrastivo e reflexão consciente” (HERNÁNDEZ, 1998, p. 249-50, tradução minha). Deduz-se, a partir destas afirmações, que a tradução pedagógica é todo tipo de tradução utilizada na sala de aula com o objetivo de ensinar a LE. Esta tradução, então, pode ser feita tanto da LE para LM (tradução direta) como da LM para LE (tradução inversa). Há duas formas de aplicação: como tradução explicativa e como exercícios de tradução (CERVO, 2003).

2.2.1. Tradução explicativa

É chamada tradução explicativa aquela tradução feita pelo professor em sala de aula para ajudar o aluno. Neste caso, deduz-se das palavras de Cervo (2003) que o professor assume o lugar do tradutor e seu objetivo é didático, ou seja, de ensinar a outra língua.

Este tipo de tradução, como alerta Hurtado Albir (1994), deve ser utilizada esporadicamente e reservada a casos especiais de difícil introdução direta. É importante, ademais, que se construa sempre um contexto e nunca sejam usadas palavras ou frases isoladas.

Neste mesmo sentido de alerta, Zurruta Navarrete (1997) justifica o uso da tradução explicativa em casos específicos, como no ensino de palavras de caráter designativo, na explicação dos falsos amigos, na solução de ambigüidades que podem causar a tradução intralingual, nas instruções que podem causar ambigüidades e, principalmente, para que os alunos se conscientizem de que “nem sempre em uma língua usam-se as mesmas fórmulas para realizar funções idênticas” (ZURRUTA NAVARRETE, 1997, p. 135, tradução minha).

Além disso, para Casado & Guerrero (1993), a tradução explicativa permite que o professor se centre no emprego da palavra e evita que o aluno disperse sua atenção quando o que interessa é uma compreensão imediata de um termo.

2.2.2. Exercícios de tradução

Os exercícios de tradução são bastante utilizados em sala de aula. Talvez por isso causem tantos problemas e discussões acerca de sua eficácia e uso. Estes exercícios podem ser de tradução direta ou inversa. Por vezes, são mais eficazes exercícios de tradução oral que os exercícios de tradução de textos ou frases isoladasⁱⁱ.

O professor desempenha um papel fundamental neste tipo de tradução, já que cabe a ele desenhar as atividades, promover as discussões entre as traduções e correção das mesmas. Deduz-se das palavras de Hurtado Albir (1988a) que os objetivos do docente devem ser diferentes ao usar a tradução direta e inversa. A primeira será mais fácil para os alunos fazerem, pois a tradução é feita para a sua língua. Por outro lado, a tradução inversa exigirá mais conhecimentos dos alunos, por isso será um pouco mais difícil. A autora sugere que o professor verificará com mais facilidade os erros dos alunos e também ajudará estes na realização da tradução, se ensinar-lhes como funciona o processo tradutor. Este é um processo interpretativo em três fases: compreender, desverbalizar e reexpressar. Deve-se, como explica Hurtado Albir:

compreender o sentido do texto original; uma vez compreendido, o “desverbalizamos”, esquecemos das suas palavras, retendo esse sentido, em forma não verbal na nossa mente, buscamos depois a maneira de expressá-lo na língua de chegada, de modo que o destinatário da tradução possa compreender o mesmo que o destinatário do texto original. (Hurtado Albir, 1988a, p.43, tradução minha).

Além das funções mencionadas, o professor, quando utiliza a tradução em sala, desempenha um papel social, já que as discussões das atividades de tradução, onde devem se explicar que não há uma única tradução correta, promovem um equilíbrio de poder em sala de aula. Como defende Ridd (2005), o papel que o aluno representa continua passivo e ao “oportunizar a discussão autêntica, a tradução recupera a voz silenciada do aprendiz” (Ridd, 2005, p.5) [verificar referência].

Os tipos de exercícios de tradução podem ser os mais diversos. Pegenaute (1996) sugere o uso de diálogos e ditados já usados anteriormente nas aulas. A tradução destes pode ser oral ou escrita. Concordamos com Hurtado Albir (1998b) que os exercícios de

tradução devem trazer interesse lingüístico, onde seja possível encontrar palavras polissêmicas, falsos amigos e estruturas de particulares de expressão da LE; e interesse extralingüístico, no qual, além de um tema de interesse do aluno, seja possível que este capte a necessidade de mudança de linguagem que cada tipo de texto pede.

Os benefícios dos exercícios de tradução vão além da conscientização do tipo de texto. Estas atividades, quando utilizadas *com objetivo*, contribuem para uma aprendizagem consciente da LE, permitem a ampliação do léxico dos estudantes e promovem, como defende Ridd (2005), uma visão mais equilibrada e crítica da cultura da LE, evitando as “rotulações” em relação à cultura estrangeira. Com os exercícios de tradução oral, os estudantes podem melhorar a audição (quando traduzem para LM) e a fala (quando traduzem para a LE) (PEGENAUTE, 1996). Acreditamos que estes exercícios de tradução oral deveriam ser mais estimulados em sala de aula, já que freqüentemente o aluno tem que traduzir para colegas ou familiares o que diz determinada música, determinado anúncio, etc. Além disso, quando um aluno entra em contato com um nativo da língua, boa parte das vezes, aquele tem que traduzir festas típicas, comidas e costumes do seu país oralmente.

3. Negativa ao uso da tradução no ensino de línguas

Acreditamos que não seria honesto de nossa parte finalizar estas reflexões em defesa ao uso da tradução, afirmando que esta só traz benefícios para o ensino de idiomas. Somos conscientes que a tradução é prejudicial para o ensino de LE sempre que é usada como método de aprendizagem, que o professor acredite que, ao receber a tradução, o aluno assimilou a estrutura da LE e sempre quando não são percebidas e solucionadas as interferências que a tradução pode causar na aprendizagem. Como sinaliza Ridd:

a tradução aumenta, inicialmente, o grau de interferência visível mas depois a reduz – mas isso pode ser amenizado se a tradução ativa ficar restrita a fases subseqüentes de aprendizagem. (RIDD, 2005, p. 5).

Portanto, a tradução, assim como qualquer outro método de ensino, deve ser usada com cautela e de acordo com o objetivo da turma e do curso. Logo, não é proveitoso fazer uso da tradução de textos literários com grupos de adolescentes em fase escolar. Para este grupo, possivelmente, textos de revistas e jornais mais próximos a sua realidade sejam mais proveitosos.

4. Considerações finais

Acreditamos que a tradução desempenhou diversos papéis dentro do ensino de línguas estrangeiras, possivelmente pela associação que se fazia da atividade de traduzir com o método GT. Cientes disto, não propomos a volta do método, tampouco o uso da tradução como atividade principal em sala de aula. Propomos uma reavaliação do uso da tradução, que percebemos que vêm ocorrendo, ainda que lentamente, dentro da AC.

A tradução é uma atividade de reexpressão do sentido, portanto, pode ser considerada uma atividade comunicativa. Em sala de aula, a tradução ocorre como tradução interiorizada, por parte dos alunos, e tradução pedagógica. Esta é utilizada nas aulas como instrumento didático e pode ser dividida em: tradução explicativa e exercícios de tradução. A primeira é usada pelo professor em sala de aula para ajudar o aluno e tem como objetivo ensinar a outra língua. Seu uso é justificado para ensinar os falsos amigos, palavras que possam causar ambigüidades e também para evitar que os alunos dispersem sua atenção quando o que interessa é uma compreensão imediata de determinada palavra. Os exercícios de tradução podem ser de tradução direta ou inversa. Na primeira, os alunos poderão contribuir mais, já que traduziram a sua língua. Por outro lado, os exercícios de tradução inversa permitem que os alunos utilizem estruturas da LE que muitas vezes são evitadas. As atividades de tradução oral podem melhorar a audição e a fala dos alunos.

Os exercícios de tradução ajudam também na conscientização da linguagem ideal para cada tipo de texto, ajudam na formação da consciência crítica da cultura da LE, permitem uma participação mais ativa dos alunos e promovem um reequilíbrio de poder em sala de aula.

Referências

- ARIAS, A. & MURUAIS, T. (1999). “El papel de la lengua madre en la enseñanza/aprendizaje de una gramática para comunicar” In: *El Español como Lengua Extranjera: enfoque comunicativo y gramática Actas del IX Congreso Internacional de ASELE*, Santiago de Compostela: Universidad de Santiago de Compostela, Instituto de Idiomas, p. 301-308.
- CASADO, A. & GUERRERO, M. (1993). “La traducción como estrategia cognitiva en el aprendizaje de segundas lenguas”, In: *El español como lengua extranjera: de la teoría al aula. Actas del III Congreso Nacional de ASELE*, Málaga, p. 393-402.

- CERVO, I. Z. S. (2003) *Tradução e ensino de línguas*. Brasília. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução.
- GAMBOA, L. (2004): *La traducción como destreza de mediación: Hacia la construcción de una competencia plurilingüe y pluricultural en el estudiante de E/LE*. Memoria de Máster. Biblioteca Universidad Antonio de Nebrija.
- GHANIME LOPEZ, J. (2002) *El uso de la traducción en el aula para el aprendizaje del léxico en la enseñanza del español como lengua extranjera*. Memoria Master. Biblioteca Universidad Antonio de Nebrija.
- HERNANDEZ, M. R (1998). “La traducción pedagógica en la clase de E/LE” In: *Actas del VII Congreso ASELE*, p. 249 -255.
- HURTADO ALBIR, A. (1988). “Hacia un enfoque comunicativo de la traducción” In: *II Jornadas Internacionales de Didáctica de Español Lengua Extranjera*, Ministerio de Cultura, Madrid, p. 53-79.
- _____. (1988a). “La traducción en la enseñanza comunicativa” In: *Cable: revista de didáctica del español como lengua extranjera*, Madrid, p. 42-45.
- _____. (1994) Un nuevo enfoque de la traducción en la didáctica de lenguas” In: *Traducción, Interpretación, Lenguaje, Actas del III Congreso Internacional de Expolingua*, Madrid, Fundación Actilibre, p. 67-89.
- LEFFA, V. (1988) “Metodología do ensino de línguas” In: BOHN H. I; VANDRESEN, P. *Tópicos em lingüística aplicada: o ensino de línguas estrangeiras*. Florianópolis, Ed. da UFSC, p. 211-236.
- PEGENAUT, L. (1996) “La traducción como herramienta didáctica” In: *Contextos*, nº 27-28, Madrid, p. 107-126.
- RIDD, M. *Tradução, Consciência Crítica da Linguagem e Relações de Poder no Ensino de Línguas Estrangeiras [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por emysoares@yahoo.es em 23/08/2005*.
- ZURRITA NAVARETTE, P. (1997). “La traducción explicativa y la traducción interiorizada en el proceso de enseñanza y el aprendizaje de una lengua extranjera” In: FELIX FERNANDEZ, L e E. ORTEGA ARJONILLA (eds.): *Estudios de traducción y interpretación*, Málaga, CEDMA, p. 133-139.

Notas

ⁱ REVUZ apud RIDD, 2005.

ⁱⁱ Welker (2003) em “Traduzir frases isoladas na aula de língua estrangeira, por que não?” In: *Horizontes de Lingüística Aplicada*, Brasília, 23, p. 149-163, ao contrário de muitos autores sugere a tradução de frases isoladas.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.